



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL JATAÍ
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS**



PRISCILA BRAGA PAIVA

**TRABALHO DE CAMPO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS COLÉGIOS
PÚBLICOS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO EM JATAÍ/GO**

JATAÍ (GO)

2018

PRISCILA BRAGA PAIVA

**TRABALHO DE CAMPO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS COLÉGIOS
PÚBLICOS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO EM JATAÍ/GO**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia, pela Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí.

Orientadora: Professora Dr^a Suzana Ribeiro Lima
Oliveira

JATAÍ (GO)

2018

PRISCILA BRAGA PAIVA

**TRABALHO DE CAMPO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS COLÉGIOS
PÚBLICOS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO EM JATAÍ/GO**

Monografia de final de curso APRESENTADA e APROVADA em 19 de janeiro de 2018, pela banca examinadora constituída pelos membros:

Profª Drª Suzana Ribeiro Lima Oliveira
Orientadora
Presidente – UAEEGEO/REJ/UFG

Prof. Dr. William Ferreira da Silva
Membro
UAEEGEO/REJ/UFG –

Profª Ma. Luline Silva Carvalho
Membro
UAEEGEO/REJ/UFG

Jataí (GO)

2018

Dedico este trabalho a Deus, por ter me concebido o dom da vida e aos meus familiares que sempre me incentivaram aos estudos: à minha mãe, ao meu pai, à minha irmã e ao meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Gratidão... É celebrar cada momento. Celebrar o que se conquistou e o que não se conquistou. Celebrar o que se tem e o que se quer. Celebrar quem somos. Celebrar a vida! Este é um sentimento ao qual transforma tudo o que temos. Toda energia que enviamos para o Universo, ele se encarrega de nos retornar da mesma forma. Por isso, costumo dizer que a gratidão é quando abraçamos Deus e agradecemos por todas as bênçãos que são dadas por Ele.

Início, então, meus agradecimentos, a Deus, por Ele ser meu principal guia desde que me concebeu o dom da vida. Por ser também meu alicerce e por sempre me mostrar, principalmente nos momentos de recaídas, a imensa força interior que carrego em mim.

Aos meus pais Maria Aparecida de Souza Braga Paiva e João Soares de Paiva, por terem me recebido neste mundo, e por nunca terem deixado de me incentivar aos estudos. Aos meus irmãos mais velhos, Bióloga Doutora Rosana Talita Braga e Professor Mestre João Ricardo Braga de Paiva, por também me incentivarem sempre a continuar a caminhada acadêmica.

A todos os meus professores que passaram por minha vida, desde a alfabetização, até a graduação. Aos que me incentivaram e que hoje são grandes exemplos os quais levarei para a minha vida profissional, e também para aqueles que me mostraram o que não devo fazer enquanto estiver em meu exercício de docência.

À minha ex professora de língua portuguesa e literatura brasileira, Mariza Duarte, por hoje ser minha amiga e fiel escudeira. Por me ensinar a driblar os obstáculos da vida, por me incentivar e acreditar em mim e por ser para mim um grande exemplo de professora.

À minha orientadora, professora Doutora Suzana Ribeiro Lima Oliveira, por acreditar em mim, por ser paciente, compreensiva e, principalmente, por ser tão humana.

À minha amiga e colega nessa jornada acadêmica, Eliza Muriele Teixeira da Silva, por estar ao meu lado, por sermos parceiras em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins, e por segurarmos sempre à mão uma da outra nesses nove anos de amizade.

À Ohana Homem, por ter sido um grande presente de Deus em minha vida. Por me mostrar o quanto é importante ter a capacidade de superar as crises e aprender com elas. Que é essencial ter uma mente flexível, com pensamentos otimistas e a certeza de que tudo passa. Por ser este ser de luz que me ensinou que o amor e a gratidão são imprescindíveis para nos tornarmos seres humanos cada vez melhores. E, principalmente, por me mostrar que devo seguir minha alegria e o meu coração sempre.

GRATIDÃO!!!

“A riqueza da existência humana e a necessidade para existir a Geografia está no fato de sermos diferentes e existirem diferentes lugares. Crescemos ao conflitar tais diferenças. Ninguém cresce nas semelhanças. Ninguém existe na transparência.”

(Antônio Carlos Castrogiovanni).

RESUMO

A educação geográfica e o ensino de Geografia são de bastante relevância para a formação de sujeitos críticos e reflexivos acerca da realidade a qual os mesmos estão inseridos. Levando em consideração de que a Geografia na escola serve para pensar o mundo, e que os conceitos geográficos são instrumentos para desenvolver o pensamento geográfico, cabe ao professor buscar por metodologias para a aprendizagem que seja significativa para os alunos. Dessa forma, o trabalho de campo vem sendo um importante aliado nas aulas como forma de fazer uma ponte entre teoria e prática para que os alunos possam compreender melhor o espaço e construir seu pensamento crítico e autônomo. Nesse sentido, foram feitas entrevistas com professores da disciplina de Geografia, em seis colégios públicos da rede estadual de ensino no município de Jataí, a fim de saber se esse tipo de atividade é ou não realizada. Os colégios os quais houve as entrevistas com os professores são os seguintes: Colégio Estadual Marcondes de Godoy, Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Colégio da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro, Colégio Estadual Alcântara de Carvalho, Colégio Estadual Frei Domingos e Colégio Estadual Washington Barros. Ao analisar as respostas dos professores, e a partir de observações diretas nos colégios, considerou-se necessário fazer entrevistas com as coordenações de cada colégio para que fosse possível compreender um pouco mais dessa dinâmica do trabalho de campo, se envolvia outras disciplinas de forma interdisciplinar, como é realizado o planejamento e se passa pelas coordenações. Nessas perspectivas, chegou-se à conclusão que houve diferentes respostas entre os professores as coordenações. Nesse contexto, afirma-se o quanto é imprescindível discutir sobre a importância da aplicabilidade do trabalho de campo no ensino de Geografia no ambiente escolar.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Metodologia. Trabalho de Campo.

RESUMEN

La educación geográfica y la enseñanza de Geografía son de bastante relevancia para la formación de sujetos críticos y reflexivos acerca de la realidad a la que los mismos están insertados. Teniendo en cuenta que la Geografía en la escuela sirve para pensar el mundo, y que los conceptos geográficos son instrumentos para desarrollar el pensamiento geográfico, corresponde al profesor buscar por metodologías para el aprendizaje que sea significativo para los alumnos. De esta forma, el trabajo de campo viene siendo un importante aliado en las clases como forma de hacer un puente entre teoría y práctica para que los alumnos puedan comprender mejor el espacio y construir su pensamiento crítico y autónomo. En ese sentido, se realizaron entrevistas con profesores de la disciplina de Geografía, en seis colegios públicos de la red estadual de enseñanza en el municipio de Jataí, a fin de saber si ese tipo de actividad es o no realizada. Los colegios que hubieron las entrevistas con los profesores son los siguientes: Colegio Estadual Marcondes de Godoy, Colegio Estadual Serafín de Carvalho, Colegio de la Policía Militar de Goiás Nestório Ribeiro, Colegio Estadual Alcântara de Carvalho, Colegio Estadual Frei Domingos y Colegio Estadual Washington Barros. Al analizar las respuestas de los profesores, y a partir de observaciones directas en los colegios, se consideró necesario hacer entrevistas con las coordinaciones de cada colegio para que fuera posible comprender un poco más de esa dinámica del trabajo de campo, se involucra otras disciplinas de forma interdisciplinaria, como se realiza la planificación y se pasa por las coordinaciones. En esas perspectivas, se llegó a la conclusión que hubo diferentes respuestas entre los profesores las coordinaciones. En ese contexto, se afirma cuánto es imprescindible discutir sobre la importancia de la aplicabilidad del trabajo de campo en la enseñanza de Geografía en el ambiente escolar.

Palabras-clave: Enseñanza de Geografía. Metodología. Trabajo de Campo.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	10
II – O ENSINO DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO CIDADÃ	13
III – TRABALHO DE CAMPO E EXCURSÃO/TURISMO: INVERSÃO DE CONCEITOS	19
IV – DO IDEAL AO POSSÍVEL: A REALIDADE DOS PROFESSORES	26
V – PROBLEMATIZANDO AS ENTREVISTAS	36
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
VII - REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES	43

I – INTRODUÇÃO

As constantes transformações que acontecem no mundo têm exigido adaptações das formas de ensinar e de aprender, e, no ensino de Geografia, novas estratégias didáticas estão ganhando espaço nas salas de aula com o intuito de fortalecer a aprendizagem tornando-a mais significativa. A diversidade das fontes de informações e dos recursos didáticos é condição essencial para o ensino e aprendizagem. O livro didático pode continuar como um dos recursos, porém, não mais o único e determinante no fazer escolar, e o trabalho de campo tem sido um aliado de muita relevância no processo de ensino e aprendizagem.

É importante ressaltar que, levar o aluno ao campo é apenas uma das etapas do trabalho, pois, além da observação, é imprescindível que o docente instigue a curiosidade do mesmo, resultando em debates sobre as razões da realização do trabalho, bem como contribuir para melhor compreensão do conteúdo a ser estudado.

Durante o estágio supervisionado da graduação, realizado no Colégio da Polícia Militar de Goiás (CPMG) Nestório Ribeiro, situada no município de Jataí – GO, foram feitas observações na sala de aula e, conversando com o professor da disciplina de Geografia, chegou-se a conclusão de que os alunos possuem dificuldade de contextualizar os conteúdos com a realidade na qual estão inseridos, assim, o trabalho de campo, conforme tem sido muito defendido por diferentes pesquisadores, pode ser um importante instrumento mediador da construção do conhecimento geográfico.

Dessa forma, foi proposto um projeto de intervenção, cujo objetivo era a utilização do trabalho de campo no ensino de Geografia como estratégia metodológica a ser aplicada nas turmas do primeiro ano do ensino médio. Tal atividade foi realizada a partir da temática sobre solos brasileiros, mais especificamente o conteúdo de erosão do solo e outros impactos ambientais, pois, é uma questão que visivelmente encontrada na região Sudoeste de Goiás, em que a agricultura modernizada está cada vez mais presente.

O trabalho de campo teve em sua primeira etapa levar os alunos do primeiro ano do ensino médio para um local de região agrícola onde se encontra uma voçoroca. Em todo o trajeto, foi discutido o conteúdo de forma que os alunos pudessem interagir e relacionar a teoria com a prática, e, em seguida, os mesmos fizeram um relato sobre o que observaram em campo. Para concretizar o que foi realizado em campo, na aula seguinte, foi feito um debate envolvendo as perspectivas dos alunos com base em suas observações.

Essa atividade proposta no projeto de intervenção trouxe resultados positivos no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Percebeu-se que o contato

direto com o meio fez com que os alunos pudessem se sentir pertencentes ao que era proposto em sala de aula pelo livro didático.

Muitas vezes esta metodologia é vista como algo difícil de ser executada, pois, ainda existe o pensamento de que o trabalho de campo é somente aquele em que são feitas viagens ou passeios que teriam certo custo para os alunos, por isso, é importante ressaltar que o próprio espaço onde o discente vive, ou seja, seu bairro, sua cidade, representa um recorte para análise em um trabalho de campo.

Uma volta no quarteirão da escola, por exemplo, possibilita que o aluno observe a paisagem urbana identificando suas transformações, sua dinâmica, e se perceber como parte e também produtor desse espaço. Nessa perspectiva, o trabalho de campo contribui para o ensino de Geografia de forma que estimule o pensamento geográfico dos discentes, por isso, é uma metodologia importante a ser inserida no planejamento do professor.

Partindo do pressuposto de que o trabalho de campo propicia o contato direto do aluno com o seu cotidiano, exercitando o senso crítico, é que defende-se esta metodologia considerando-a indispensável para o estudo e para a pesquisa que se refere aos processos de caráter espacial, nesse sentido, questionamos: será que os trabalhos de campo são utilizados como metodologia no ensino de Geografia nos colégios de ensino médio no município de Jataí – GO? Se realizadas, as atividades de campo têm sido desenvolvidas nos moldes do trabalho de campo, ou são passeios/turismo ou visitas técnicas?

Nessas perspectivas, a presente pesquisa justifica-se a partir do entendimento que o trabalho de campo deve levar o aluno a realizar uma ponte entre a teoria e a prática, além disso, fazer com que os mesmos analisem e compreendam o próprio lugar em que vivem. Nesse sentido, acredita-se que o trabalho de campo pode ser realizado nos colégios de ensino médio da rede pública estadual do município de Jataí – GO.

O objetivo geral para a realização da presente pesquisa foi de conhecer se o trabalho de campo é utilizado pelos professores como metodologia do ensino de Geografia, de forma interdisciplinar e contextualizada, nos colégios de ensino médio da rede pública estadual do município de Jataí – GO. E os objetivos específicos foram: Verificar se o trabalho de campo é utilizado nas aulas como metodologia para o ensino de Geografia nos colégios de ensino médio da rede pública estadual de Jataí – GO; Identificar, por meio das entrevistas com os professores, caso o trabalho de campo não seja aplicado, quais são os desafios encontrados por eles que os impeçam de realizar esta metodologia, e, se o trabalho de campo for uma prática que os mesmos realizam conhecer como esta é executada; Dissertar sobre a importância do trabalho de campo como metodologia do ensino de Geografia.

O município de Jataí possui um total de 8 colégios públicos estaduais de ensino médio, sendo dois colégios em período integral e seis em período regular. As entrevistas foram feitas com os professores dos colégios que possuem o ensino médio regular, ou seja, naqueles que não são de período integral. Sendo assim, as entrevistas com os professores foram aplicada em 6 instituições, sendo elas: Colégio da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro, Colégio Estadual Marcondes de Godoy, Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Colégio Estadual Alcântara de Carvalho, Colégio Estadual Frei Domingos e Colégio Estadual Washington Barros.

Ao analisar as respostas dos professores, e a partir de observações diretas nos colégios, considerou-se necessário fazer entrevistas com as coordenações de cada colégio para que fosse possível compreender um pouco mais dessa dinâmica do trabalho de campo, se envolvia outras disciplinas de forma interdisciplinar, como é realizado o planejamento e se passa pelas coordenações.

Nessa perspectiva, chegou-se à conclusão que as respostas dos professores e das coordenações eram diferentes, principalmente na questão da quantidade de trabalhos de campo que são feitos com os alunos.

Nesse contexto, afirma-se o quanto é imprescindível discutir sobre a importância da aplicabilidade do trabalho de campo no ensino de Geografia no ambiente escolar. Quanto à importância, foi evidenciado que todos (as) consideram ser, mas a sua aplicação é que tem sido de alguma forma deixada de lado.

II - O ENSINO DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO CIDADÃ

A Geografia é uma ciência que passa por constantes desdobramentos ao longo dos anos. No passado, a ciência geográfica, conhecida como Geografia Tradicional, se baseava em ideias e fundamentos positivistas, utilizando um método científico quantitativo desenvolvido por meio do empirismo (observação e descrição), valorizando os aspectos físicos do espaço geográfico. Para Moreira (2014, p. 16)

O positivismo referenda a visão física e matemática de natureza do projeto científico renascentista, separa o inorgânico, o orgânico e o humano em esferas dissociadas e proclama o paradigma do inorgânico da Física como base, orientando as demais ciências nessa padronagem.

Nesse sentido, observa-se que a Geografia Tradicional prioriza estudos com abordagem de hipóteses e de valores matemáticos quantitativos, fazendo com que a questão das relações sociais, como um todo, fosse quase que desprezada.

Essa abordagem positivista se consolidou no ensino de Geografia como um estudo meramente descritivo das paisagens. Os materiais didáticos eram baseados em “decorar” dados estatísticos, nome de rios, de países, capitais, entre outros. Diante dessa consideração, observa-se que os conteúdos adotados não tinham perspectivas críticas e sim técnicas e sem argumentação.

Outra abordagem do ensino de Geografia nas escolas era a questão do patriotismo. Essa ideia que acabou se instalando no ensino durante algumas décadas. Conforme Cavalcanti (2007, p.18), a história da Geografia como disciplina escolar “tem início no século passado, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico”. Ou seja, a Geografia nas escolas descrevia os mapas com contornos do país, a localização e nomes de rios, as capitais, os aspectos físicos da paisagem, dentre outros, valorizando laços de respeito e dedicação à imagem da pátria.

Pensando por este lado patriótico da Geografia nas escolas, por exemplo, imagina-se que os alunos iriam conhecer o território brasileiro de forma que, esse amor à pátria fosse um sentimento que se tornasse, também, uma forma de defender o país em casos de guerra, sendo explícito um jogo de interesse por parte dos grandes líderes. Nesse contexto, uma das frases mais usadas na época e conhecida até nos dias de hoje é o título do livro de Yves Lacoste: “A Geografia, isto serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, sendo uma obra que fazia críticas severas a essa realidade.

Com o passar do tempo, tendo o Capitalismo como sistema econômico dominante, observou-se um cenário de constantes mudanças, e os estudos sociais começaram a ganhar espaço na academia, inserindo aqui a Geografia, que passou a ser chamada de Geografia Crítica.

Esse novo paradigma na ciência geográfica trouxe consigo uma abordagem do método dialético, enfatizando os contextos sociais e deixando um pouco de lado o método quantitativo. Conforme Verdi (2014, p.24) a construção teórica materialista dialética “trouxe novos conteúdos para as pesquisas em Geografia, transformando a leitura que a ciência parcelar realiza das formas como o espaço e a sociedade se relacionam”. Porém, é importante lembrar que a Geografia Tradicional não foi excluída das pesquisas e nem do ensino, ela continua sendo trabalhada pelos geógrafos em seus estudos e nas salas de aula. O que aconteceu foi que os estudos sobre a sociedade começaram a ser valorizados, e talvez isso seja interpretado como “exclusão” do tradicionalismo geográfico que contribuiu muito para a consolidação dessa ciência.

Nesse período foi fortalecida a dicotomia entre Geografia física e Geografia Humana, separando a ciência geográfica nessas duas vertentes de pensamento. Mesmo tendo esta “separação”, muitos geógrafos acreditam que ambos estão interligados, por isso, tal dicotomia está até nos dias de hoje sendo questionada no meio acadêmico.

Pode-se levar em consideração a “separação” na forma de pesquisa, e não na própria Geografia, pois esta é uma ciência múltipla. Ambas as vertentes se encaixam num objetivo socioespacial. A questão física e ambiental tem seus impactos na sociedade, assim como o homem também gera impactos no meio. Tudo é Geografia. O que difere é o método de pesquisa.

Pode-se dizer que surge uma transição do pensamento geográfico começou a ser implantada no Brasil por volta da década de 1980. Segundo Verdi (2014, p. 24 – 25)

A questão das classes sociais se tornou um aspecto fundamental da análise espacial, configurando-se assim em um novo conteúdo do discurso geográfico sobre a realidade. Também a leitura do modo de produção capitalista e suas formas de transformar o espaço produzindo-o para seus objetivos, é um novo conteúdo do discurso geográfico crítico do período em tela neste ensaio. Portanto, conceitos e categorias, diferentes dos utilizados pela Geografia Tradicional e pela Geografia Quantitativa, entram em cena para reconfigurar a perspectiva da ciência geográfica, transformar interpretações e assim iniciar um novo momento da prática e do discurso geográfico no Brasil.

Nesse novo cenário, surge a Geografia com o método do materialismo histórico dialético, o qual possui visão crítica marxista sobre as desigualdades sociais, que,

principalmente são causadas pelo processo do capitalismo. Pensar, entender e refletir criticamente sobre as constantes transformações socioambientais que ocorrem ao redor do mundo é imprescindível para a compreensão do espaço geográfico.

As novas pesquisas sobre o contexto dessas transformações gerais da sociedade e de sua dinâmica espacial inserem-se no contexto do ensino de Geografia nas escolas de forma a contribuir com a formação de cidadãos críticos e reflexivos sobre o meio o qual estão inseridos.

A Geografia contemporânea presente na sala de aula, por sua vez, possui um lado crítico e humano da Geografia, o qual contribui para a formação cidadã, com temáticas que envolvem política, economia, cultura, e outros aspectos sociais, diferente da Geografia tradicional em que os conteúdos que eram abordados nas aulas tinham ênfase nos aspectos naturais da paisagem, como por exemplo, solo, clima, relevo e vegetação. Segundo Cavalcanti (2007, p. 16) “a Geografia defronta-se, assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo”.

Por possuir um papel importante no que diz respeito aos saberes que podem levar o aluno a construir sua cidadania, a Geografia, segundo Callai (2015, p. 214) é “uma matéria curricular que procura construir as ferramentas teóricas para as pessoas entenderem o mundo e para entenderem a si mesmas como sujeitos nesse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais”.

O ensino de Geografia visa levar os saberes para que o aluno possa construir sua cidadania. O termo “cidadão” possui significados diferentes, pois é construído de acordo com a linha de pensamento de cada pesquisador. Porém, nas perspectivas de Costella e Schaffer (2012, p. 14) ser cidadão significa “participar e lidar com segurança com a complexidade do mundo para intervir nele criativamente – para isso, é necessário compreender as relações humanas como complexas, diversas, situadas e historicamente construídas”.

Nesse sentido, o ensino de Geografia nas escolas precisa ir além do que possa estar dentro das quatro paredes da sala de aula. Não é somente o que está disponível no livro didático, ou o que está prescrito nos documentos oficiais direcionadores do ensino, e sim, o cotidiano dos alunos e as relações sociais que nele está presente. Por isso que tal ensino é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor. Para Cavalcanti (2007, p.10), tal mediação é o “auxílio que fornece aos alunos para o desenvolvimento de sua capacidade de pensar, de raciocinar lógica e criticamente”.

Por meio dessa mediação que o professor faz, a partir do conhecimento dos alunos, dos conteúdos da ciência e dos presentes nos livros didáticos e dos referenciais que os

professores tem contato, é possibilitada a construção dos conceitos geográficos, tais como, espaço, território, paisagem, lugar e região, e, também a questão das escalas geográficas, sendo elas a global, regional e local. Por isso, essas diferentes interpretações da Geografia fazem reformular categorias e conceitos para compreender melhor o movimento da sociedade (CAVALCANTI, 2007).

Trabalhar esses conceitos geográficos com os alunos nas escolas de ensino básico é muito pertinente, pois, os conteúdos passam a ser significativos e socialmente relevantes para eles. Como já mencionado, a Geografia apresentada nas escolas nos dias de hoje, não deveria ser somente aquela “memorização” de conteúdos. Com as constantes transformações do espaço geográfico, o grande desenvolvimento da tecnologia e de informações, a necessidade de estudar os processos socioambientais é muito importante. Segundo Cavalcanti (2007, p. 20)

O ensino de Geografia, assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte deles). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

Ao proporcionar a compreensão do espaço geográfico como um todo aos alunos, os mesmos passam a formar raciocínios e concepções, possibilitando a eles a prática de pensar criticamente acerca do mundo o qual estão inseridos. Esse é um dos grandes objetivos do ensino de Geografia, ou seja, contribuir para a formação cidadã. Uma formação que inclui reflexão, crítica e respeito. Do simples deslocamento diário dos indivíduos até as grandes questões globais, requer do cidadão a consciência da espacialidade inerente aos fenômenos, fatos e acontecimentos de que participa (CAVALCANTI, 2007).

É importante lembrar que, mesmo com essa mudança no ensino de Geografia, os modos tradicionais não foram totalmente excluídos das aulas. De acordo com Castrogiovanni (2014, p. 91) “é inegável que ainda existam, em muitos casos, práticas extremamente tradicionais na sala de aula, não condizentes com a transformação ocorrida na ciência ao longo das últimas décadas.”

É muito comum encontrar aulas de Geografia nas escolas sendo mediadas apenas pelo uso do livro didático, sem que uma discussão sobre o que está escrito no mesmo faça parte do contexto dos alunos, não despertando neles o sentimento de pertencimento, tornando-os reprodutores de saberes que, muitas vezes, não fazem tanto sentido na vida dos alunos.

Diferentes fatores podem gerar esse tipo de aula, seja pela falta de incentivo na educação brasileira, principalmente a pública, não seja valorizada, e isso faz com que o professor não “inove” suas aulas. Outra possibilidade é o comodismo, por isso que o livro didático acaba sendo o suficiente para ministrar as aulas. Ou, até mesmo pela única opção que possui, pois o docente está inserido em um contexto de limitações e, a partir do que está posto, ele precisa construir conhecimentos imprescindíveis para a formação da cidadania de seus alunos. Por isso, é importante deixar claro que essas adversidades não são responsabilidades únicas do professor.

Apesar de saber de obstáculos que existem no ensino de Geografia, sabe-se que atualmente esta é uma disciplina que tem como um dos objetivos a construção da cidadania e que deve ter o cuidado de analisar como o espaço é construído e organizado. Para Castrogiovanni (2014, p. 93)

A necessidade de o professor não ser um repetidor de informações e, sim, de um interlocutor ativo em suas práticas pedagógicas para transformar as informações em conhecimento e o conhecimento em sabedoria, assim provocar o seu aluno a tornar-se sujeito que compreenda, mesmo provisoriamente, e atue autoralmente no espaço geográfico.

Pensando na era contemporânea em que a todo momento surgem novas tecnologias, percebe-se o quanto é importante usar diferentes estratégias metodológicas na sala de aula. O uso de filmes, vídeos, músicas, teatros, paródias, poesias, telejornais, aulas à campo, dentre outras metodologias, passaram a se tornar mais necessárias nas escolas, considerando o livro didático como um dos vários materiais de apoios do professor, e não somente o único. Também é importante frisar que a introdução dessas estratégias metodológicas destaca o quanto a Geografia abrange várias áreas do conhecimento, podendo então haver a interdisciplinaridade.

Sobre essa questão da interdisciplinaridade da Geografia com as demais disciplinas do currículo escolar, esse termo normalmente é compreendido como a prática de cruzamento de disciplinas ou de partes do conteúdo disciplinar que eventualmente ofereçam ponto de contato nas atividades letivas. Dessa forma, as práticas interdisciplinares acontecem geralmente entre professores cujas disciplinas possuam afinidades, facilitando a integração das mesmas (CASCINO, 2000).

A interdisciplinaridade pode ser garantida a partir do trabalho do professor, assim, o papel do docente na construção de saberes geográficos é imprescindível para que os alunos obtenham uma leitura de mundo diferenciada. Os “óculos da Geografia” são colocados neles de forma que percebam a imensidão geográfica que existe no cotidiano deles. Os mesmos

passam a enxergar a Geografia em tudo que está a sua volta, e que é uma ciência que está muito além da teoria vista dentro das quatro paredes da sala de aula. O conteúdo abordado faz sentido na vida dos alunos e se torna relevante no ponto de vista do aprendizado deles.

III – TRABALHO DE CAMPO E EXCURSÃO/TURISMO: INVERSÃO DE CONCEITOS

Muitas vezes o termo “trabalho de campo” é entendido como “excursão/turismo”, tornando tal prática um simples passeio sem a utilização de uma metodologia que reforce o processo de ensino e aprendizagem de Geografia. Também, por causa dessa “confusão” entre os termos, há casos de impossibilidade de utilizar o trabalho de campo nas escolas públicas por questões burocráticas e financeiras. Nesse contexto, percebe-se o quanto é indispensável a discussão sobre essa temática para diferenciar ambos.

A excursão ou turismo é uma prática pedagógica presente nas escolas, seja para melhorar a aprendizagem das disciplinas, – como, por exemplo, visita aos museus, aos parques ecológicos, dentre outros locais – ou para uma atividade de lazer. Segundo Cruz (2003, p. 4)

Entre inúmeras definições de turismo, há que se destacar aquela adotada por um organismo oficial, de injunção global, que é a Organização Mundial do Turismo (OMT). Segundo essa organização, o turismo é uma modalidade de deslocamento espacial, que envolve a utilização de algum meio de transporte e ao menos um pernoite no destino. Esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, congressos, saúde e outros motivos, desde que não correspondam a formas de remuneração direta.

Claro que a presente pesquisa não tem como objetivo “excluir” esse tipo de metodologia, afinal, de certa forma, ela também contribui com o aprendizado dos alunos, principalmente no quesito da ciência geográfica, pois, para Cruz (2003, p. 4) essa é “uma prática social, que envolve deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo. Por ser uma prática social, o turismo é fortemente determinado pela cultura”.

O principal objetivo é mostrar a importância do trabalho de campo no ensino de Geografia, pois, é muito comum que se confunda tal atividade com um simples passeio para observar determinadas paisagens e fazer com que os estudantes respirem fora das paredes da sala de aula (SILVA e HAGAT, 2015).

Geralmente, os passeios e excursões turísticas que ocorrem nas escolas, não são práticas únicas e exclusivamente voltadas para o ensino de Geografia, visto que, são feitos de forma que envolva mais professores de diferentes disciplinas e raramente o professor de Geografia consegue fazer uma ponte entre teoria e prática, com discussões e debates com os alunos, por alguns motivos como a dispersão dos discentes, o não planejamento prévio das atividades, dentre outros. Assim, as excursões turísticas não podem ser confundidas com o trabalho de campo. As autoras Silva e Hagat (2015, p. 197) afirmam que,

Pensar o trabalho de campo no ensino de Geografia para a educação básica não é uma tarefa fácil. É desafiadora porque precisa ser pensada tendo como princípio a pesquisa e o contexto do conteúdo trabalhado de forma a adquirir sentido para o estudante, que poderá ser capaz de realizar outras conexões com o espaço geográfico. Dessa forma, o professor deve ir traçando planos para orientar as atividades que consideram a dinâmica da leitura das paisagens pelo trabalho de campo.

Percebe-se, então, a diferença entre a excursão/turismo com o trabalho de campo, pois, enquanto o primeiro está relacionado com um passeio turístico que, muitas vezes, não é feito nenhum tipo de avaliação com os alunos – por exemplo, relacionar a teoria com a prática, fazer debates, dentre outros – o que torna uma atividade de lazer não dirigida. Já o segundo, é uma metodologia que pretende fazer a inserção do aluno no conteúdo estudado em disciplinas específicas como a de Geografia, fazendo com que o mesmo participe e entenda a realidade a qual está inserido. Segundo Azambuja (2012, p. 188)

Para o ensino de Geografia o trabalho de campo é um momento ou uma atividade de pesquisa. O tema em estudo e o lugar que está sendo objeto de estudo é elemento foco para as investigações programadas. O aluno vai a campo com o olhar e a mente de estudante para observar paisagens e espaços geográficos, entrevistar ou conversar com pessoas e coletar dados e informações a partir das suas referências conceituais e de vida.

Fazer esse tipo de prática com os alunos nas escolas é uma forma de sair daquele modo tradicional do ensino, o qual são feitas aulas expositivas, sem diálogo, seguindo totalmente o livro didático, como se ele fosse a “bíblia” do professor, sendo tomado como um instrumento único do saber pedagógico. Por isso, o trabalho de campo também adquire importância no processo de ensino e aprendizagem, e, de acordo com Castrogiovanni (2015, p. 47), ele vem sendo “um caminho a mais na superação do método tradicional de ensino, principalmente no qual ainda são reproduzidos os conteúdos dos livros didáticos sem uma verdadeira problematização das competências envolvidas”.

É importante destacar o papel do trabalho de campo no ensino de Geografia. Essa atividade não é somente um momento de lazer e diversão. É um momento de troca de saberes entre ciência e o conhecimento prévio dos alunos. É um momento de pensar, refletir e criticar o mundo o qual o ser humano pertence. Segundo Castrogiovanni (2015, p. 42)

O trabalho de campo jamais pode ser entendido como sendo apenas uma atividade de lazer/recreação. Isso elimina expressões tais como “passeios” e “excursão” a ela atribuída. Mais que um recurso de aprendizagem, as ações que envolvem os trabalhos de campo são, essencialmente, parte dos processos de ensino e de aprendizagem, tanto na Geografia quanto na História e nos demais campos de conhecimento.

É nesse sentido que esta metodologia se torna tão importante e eficaz no que diz respeito ao crescimento dos saberes geográficos dos alunos. É na atividade de campo, por exemplo, que é possível aprender aspectos que dificilmente seriam vislumbrados em gabinete ou sala de aula, entre eles, a real integração entre os elementos naturais e sociais presentes no espaço geográfico de maneira não fragmentada (CASTROGIOVANNI, 2015).

A inversão de conceitos é justamente o fato de ocorrer essa “confusão” sobre o significado de se utilizar esse tipo de atividade nas escolas e o objetivo que ela possui. Muito mais do que sair das quatro paredes da sala de aula, o trabalho de campo necessita de todo um procedimento metodológico visando um objetivo a ser cumprido. Para Castrogiovanni (2015, p. 41),

Por trás desta atividade, existe uma série de elementos que devem ser (re)pensados, analisados, planejados e teorizados, o que confere ao trabalho de campo a essência de metodologia, atividade que deve ser muito bem fundamentada, que tem valor inestimável nos processos de ensino e de aprendizagem, merecendo mais atenção no campo pedagógico.

Nesse sentido, levar o aluno ao campo seria apenas uma das etapas do trabalho, e Hissa e Oliveira (2004, p.38) explicam que “a ida ao campo não significa, apenas, o movimento na direção do que pode ser descrito. Trata-se do movimento na direção do que necessita ser interpretado, representado”, ou seja, além da observação, é imprescindível que o docente instigue a curiosidade dos alunos, resultando em debates sobre as razões da realização do trabalho, bem como contribuir para melhor compreensão do conteúdo a ser estudado.

Voltando à questão do ensino tradicional, que não estimula o diálogo, a problematização e o envolvimento dos alunos, em que muitas vezes prevalece a utilização do livro didático como único instrumento de apoio nas aulas, de certa forma, causa um “distanciamento” entre a teoria e os alunos. Por exemplo, o livro mostra fatos, acontecimentos e paisagens de outros lugares que não fazem parte da realidade do público escolar, por isso, é comum ouvir dos alunos frases do tipo: “O que isso vai mudar na minha vida?”, “Porque eu devo estudar isso? Eu nunca irei lá mesmo”, “Geografia é só decoreba!” ou “Eu nunca irei usar isso durante minha vida”. De acordo com Bachelli (2014, p. 208),

Na atual lógica da sociedade o espaço precisa ser visto como uma produção social. Deve-se considerar a dinâmica da produção deste espaço inclusive ajudando o aluno a estabelecer relações entre sociedade e natureza, dando sentido do porque estudar Geografia e seu objeto de análise, o espaço.

Percebe-se, então, o quanto é importante a adoção de formas e estratégias didáticas para aproximar o conhecimento científico dos discentes, e o trabalho de campo é um instrumento muito interessante, pois, um dos principais objetivos é fazer com que a teoria

vista em sala de aula se torne significativa e faça sentido para os alunos. O olhar geográfico do aluno pode ser estimulado ao comparar diferentes espaços e escalas de análise, possibilitando a superação da falsa dicotomia existente entre o local e o global, indo além do senso comum da ordenação concêntrica dos conteúdos geográficos, gerador de um discurso meramente descritivo do espaço geográfico (CASTELLAR e VILHENA, 2010).

Outra perceptível diferença entre os conceitos é que para realizar um trabalho de campo, é preciso planejar, traçar uma metodologia e os objetivos para obter bons resultados, e aproveitar todas as possibilidades que o meio onde se vai analisar pode oferecer para que se construa a aprendizagem. Diferente da excursão/turismo, que na maioria das vezes não possui todo este planejamento. De acordo com Silva e Hagat (2001, p. 198)

A abordagem teórico-metodológica precisa então passar pelo atento e constante olhar do professor para orientar o trabalho, quer dizer, para perguntar constantemente: Onde ir? Por que ir? Que conhecimentos/conteúdos estão articulados? Quais os critérios e categorias de análise da Geografia? Quais os procedimentos mais adequados – observação, entrevista, produção de dados?

Quando o professor faz a escolha de utilizar o trabalho de campo como uma das metodologias possíveis, ele dará aos alunos a fundamentação necessária para a leitura crítica e participativa da sociedade, fazendo com que os mesmos adquiram sua própria autonomia de pensamento. Segundo Silva e Hagat (2001, p.201) isso possibilita que discentes “façam as relações necessárias para a compreensão da realidade global em que se inserem. Agindo desta forma, faz com que o aluno seja valorizado, pois o considera como sujeito repleto de experiências”.

Para aplicar um trabalho de campo no ensino de Geografia nas escolas são necessárias três etapas, sendo elas: 1ª) abordagem teórica do assunto a ser tratado no trabalho de campo e instruções e orientações de como será feita a aula a campo; 2ª) realização do trabalho de campo, sempre questionando os alunos e instigando a curiosidade deles para que possam sentir pertencentes ao meio e aos estudos, além de fazer com que eles enxerguem seu cotidiano de modo geográfico, crítico reflexivo, criando seu pensamento autônomo; 3ª) volta à sala de aula, fazendo discussões e debates sobre o que os alunos viram na aula a campo e o que se associa à teoria vista. O autor Castrogiovanni (2015, p. 51) aborda as etapas do trabalho de campo da seguinte maneira:

Como etapa anterior de preparação, são fundamentais questões de caráter logístico, burocrático e também de bagagem de conhecimento por parte dos alunos, e dos professores, naturalmente, bem como o planejamento daquilo que será realizado durante o trabalho de campo. E é durante o trabalho de campo que o professor deve estar preparado para executar as atividades

planejadas de acordo com o seu método e a abordagem escolhida, bem como estar com a constante preocupação de situar o trabalho para que este não escape do contexto de seu objetivo e então ingresse num mero “fazer pelo fazer”. Após o trabalho de campo, uma atividade de conclusão acerca do que foi objeto de estudo deverá ser realizada.

Observa-se, então, o quanto é imprescindível que o professor faça o planejamento antes da saída à campo. Também é importante que ele tenha conhecimento das teorias e dessa prática, pois, é necessário estar seguro e saber que esta metodologia não é somente um “passeio”, e sim, um passo para possibilitar a aprendizagem dos alunos. Com essa atividade, a Geografia se constituiu como disciplina da vida, que possibilita a análise dos lugares com o objetivo de compreendê-los e estabelecer relações com as outras escalas de análise, num processo de ir e vir entre elas (THEVES, 2015).

Nesse sentido, o trabalho de campo se torna uma atividade que organiza a aprendizagem de maneira significativa e ativa, promovendo aos estudantes a formação cidadã, ao saber relacionar os conceitos e os conteúdos estudados com os aspectos socioespaciais ligados ao cotidiano (SACRAMENTO, 2014). Essa prática social que os alunos adquirem tendo contato com esse tipo de atividade torna a aprendizagem significativa do espaço vivido. Segundo Sacramento, (2014, p. 111) “a educação geográfica e o trabalho de campo possibilitam metodologias que promovam nos estudantes o desenvolvimento de uma consciência espacial e a compreensão dos seus espaços vividos”.

O professor de Geografia, como já mencionado, deve ter domínio dos conteúdos abordados para, então, realizar esse tipo de atividade com os alunos (e outras atividades também). Quando o docente tem a oportunidade de levar para suas aulas essa estratégia metodológica, e mostrar o quanto a ciência geográfica é importante e está presente no cotidiano, acontece uma “quebra” do estereótipo de que a Geografia é só memorização de conteúdos. Por isso que o planejamento é de grande importância. Para Castrogiovanni (2015, p. 52) “é possível ensinar sem que esse repasse seja apenas repetir as lições dos livros didáticos sem fazer uma associação com a realidade do aluno”.

É importante ressaltar que para realizar um trabalho de campo é preciso passar por adversidades, tais como processos burocráticos, pois, a partir do momento em que se levam alunos para fora do ambiente escolar, é necessário ter a autorização dos pais, ver as possibilidades financeiras para transporte e outros gastos, dentre outros procedimentos. Passar por tantas etapas desse tipo pode causar até certo “desânimo” nos professores, considerando que é uma atividade que poderá abordar apenas um dos conteúdos que precisa ser trabalhados, que no caso do ensino médio são muitos, esse e outros desafios da própria docência, tem

impossibilitado a realização dessa atividade, pois, o trabalho de campo é algo que ainda é visto por parte de professores somente como uma “viagem”, um “passeio”, uma “excursão”.

Visando o contexto dessas adversidades, é importante dizer que apesar delas existirem, não é impossível realizar uma atividade desse tipo, pois, um trabalho de campo não é somente sair com um ônibus e viajar, é também uma volta no quarteirão da escola, um passeio pelo bairro da escola, ou, até mesmo, fazer com que os alunos observem a paisagem do caminho de casa até a escola, e, em seguida, associar a percepção deles com a Geografia. Nesse sentido, para Falcão e Pereira (2005, p. 112), o professor deve aguçar, na medida do possível, “a curiosidade dos alunos para que a partir das suas observações e das informações coletadas possam construir suas aprendizagens, alcançando, assim, os objetivos propostos para a saída ao campo”.

Sabe-se que o ser humano enquanto ser social, precisa compreender a realidade que o cerca, por isso é importante observar o dia a dia e encaixar tal observação no contexto teórico geográfico. De acordo com Callai, Cavalcanti e Castellar (2007, p. 32) o ensino de Geografia tem como finalidade “estimular no estudante a capacidade de desenvolver raciocínios espaciais. Para atingir esse objetivo é preciso que sejam construídos os conceitos que vão dar sustentação para a interpretação da realidade e sua espacialidade”.

Não se deve esquecer que os alunos também são indivíduos repletos de conhecimentos, e o professor também aprende com eles. Essa troca de saberes é algo que acontece visivelmente nos trabalhos de campo. Inclusive, essa é uma atividade que proporciona maior interação entre professor e alunos, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais descontraído, e, de certa forma, faz com que os estudantes aprendam com mais facilidade o conteúdo. É importante destacar a questão da aprendizagem significativa, que, segundo Cavalcanti (2006, p.71)

É o resultado da construção própria de conhecimento. É a apropriação de um conteúdo de ensino pelo sujeito, o que implica em uma elaboração pessoal do objeto de conhecimento. Um primeiro passo desse processo se dá com a mediação do professor, pois é seu papel intervir no processo de construção de conhecimento pelo aluno.

Dessa forma, considerando esse conhecimento prévio dos alunos, supera-se a superficialidade conceitual e estabelecer uma relação mais eficaz entre o saber formal e informal, implica em afirmar que o trabalho de campo é o elo entre o meio e o ensino, na medida em que saímos da sala de aula. (CASTELLAR, 2007). Desse modo, destaca-se o quanto é pertinente utilizar esse tipo de atividade nas aulas de Geografia como um dos

recursos para reforçar o aprendizado dos alunos, tornando-o significativo para eles. O trabalho de campo, para Neves (2010, p. 15)

Pode promover maior significação dos conteúdos e maior aproximação da realidade dos alunos. Além de a contextualização contribuir para o desenvolvimento de atitudes positivas em relação à ciência, através do conhecimento de sua importância social, ainda favorece a aprendizagem dos conteúdos conceituais, valorizando e estimulando a interação com os conhecimentos prévios dos estudantes.

Observa-se então que, a partir dessa discussão acerca da inversão de conceitos entre trabalho de campo e excursão/turismo, é nítida a diferença dos objetivos dessas atividades. Enquanto o primeiro visa instigar o olhar geográfico dos alunos e a construção de um pensamento crítico e autônomo, a partir dos conteúdos vistos em sala de aula e a prática em campo, o segundo torna-se uma atividade voltada ao “lazer”. Para Azambuja (2012, p. 183)

O olhar geográfico é um olhar da mente, do pensamento, um olhar metodológico, diferente daquele de turistas e viajantes ou de alguém que faz isso no seu cotidiano. O método da ciência é que faz a diferença e efetiva a qualidade científica a ação de observação enquanto forma de investigação da realidade.

De acordo com Silva e Hagat (2015, p. 198), “o trabalho de campo é esse momento de estabelecer diálogos sobre o espaço em estudo em que se depreendem os processos naturais e sociais de uma Geografia que se faz viva pelo movimento das culturas.” Ou seja, essa metodologia mostra para os alunos o quanto a Geografia se faz presente no cotidiano, fazendo com que esses estudantes conheçam a rede de relações que os cercam. Isso proporcionará a eles o sentimento de pertencimento aquele local o qual estão inseridos, além de também se sentirem parte do processo de constituição do espaço. Dessa forma, o trabalho de campo se torna uma das ferramentas essenciais para o ensino de Geografia nas escolas.

IV – DO IDEAL AO POSSÍVEL: A REALIZADE DOS PROFESSORES

A partir do levantamento teórico utilizado para reforçar a discussão acerca do tema, observa-se a importância do trabalho de campo com os alunos. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas com os professores da disciplina de Geografia do ensino médio na rede pública estadual de Jataí, a fim de saber se o trabalho de campo é utilizado nas aulas como metodologia para o ensino de Geografia nessas instituições, e compreender se tal metodologia é possível de ser aplicada apesar dos desafios postos.

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.196) “a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”, ou seja, é um procedimento utilizado na investigação social e para a coleta de dados, por isso, foi uma metodologia primordial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, a partir dela que foram obtidas as informações acerca do trabalho de campo nos colégios públicos estaduais de Jataí - GO.

Atualmente, o município de Jataí – GO conta com cerca de 8 instituições públicas estaduais de ensino médio, conforme a tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Colégios de Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Jataí – GO.

COLÉGIOS DE ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE JATAÍ – GO	
COLÉGIO	PERÍODO
Colégio da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro	Matutino
Colégio Estadual João Roberto Moreira	Integral
Colégio Estadual Marcondes de Godoy	Matutino
Centro de Ensino em Período Integral José Feliciano Ferreira	Integral
Colégio Estadual Serafim de Carvalho	Matutino e Noturno
Colégio Estadual Alcântara de Carvalho	Matutino e noturno
Colégio Estadual Washington Barros	Matutino e Noturno
Colégio Estadual Frei Domingos	Matutino e Noturno

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2017.

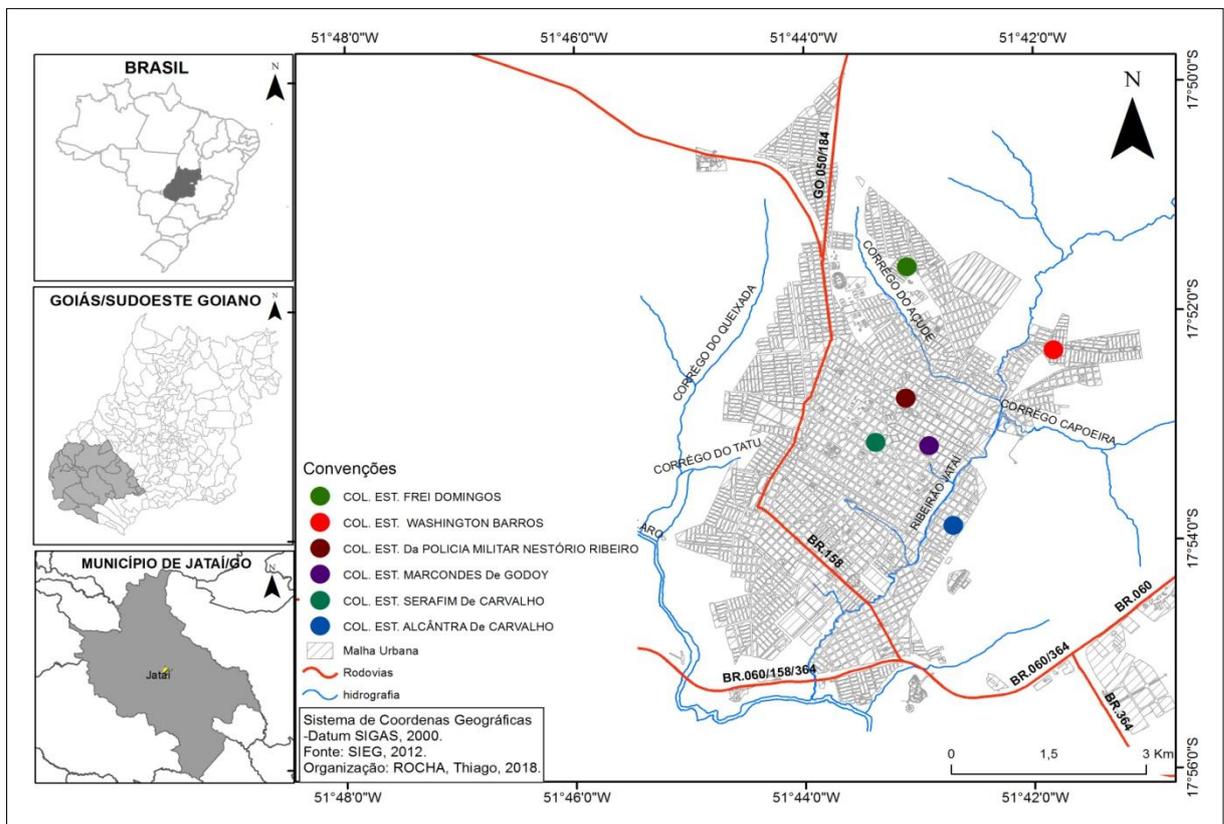
A entrevista foi feita com os professores dos colégios que possuem o ensino médio regular, ou seja, naqueles que não são de período integral. Os colégios em tempo integral

foram retirados, pois, devido as suas características de maior tempo e execução de projetos, destoam dos demais. Sendo assim, a entrevista com os professores foi aplicada em 6 instituições.

Os colégios selecionados foram os seguintes: Colégio da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro, Colégio Estadual Marcondes de Godoy, Colégio Estadual Serafim de Carvalho, Colégio Estadual Alcântara de Carvalho, Colégio Estadual Wahsington Barros e Colégio Estadual Frei Domingos. É importante ressaltar que, apesar do Colégio Militar também possuir uma dinâmica diferenciada dos outros, o período de aulas é de apenas um turno, por isso, foi mantida essa instituição na pesquisa.

Algo interessante a ser ressaltado é a questão da localização dessas instituições. Conforme a figura 1 a seguir, observa-se que os 3 primeiros colégios mencionados estão localizados no centro da cidade, enquanto os outros 3 restantes localizam-se em áreas periféricas.

Figura 1: Localização dos colégios públicos estaduais de Jataí – GO que foram realizadas as entrevistas com os professores de Geografia do ensino médio.



Fonte: SIEG, 2012. Organização: ROCHA, Thiago, 2018.

As entrevistas foram realizadas fora do horário de aula, sendo todas agendadas com a coordenação ou com os próprios professores, e o tempo de duração foi de aproximadamente

20 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas para viabilizar o tempo e assim, ter maior oportunidade de interação com os(as) professores(as). Os dados que foram coletados continham discursos de um total de 6 professores, contendo seus conhecimentos preliminares acerca das noções que apresentam dessa questão do trabalho de campo no ensino de Geografia.

Essa atividade foi em forma de entrevista semiestruturada (apêndice 1), a qual se aproxima mais de um diálogo. O roteiro foi planejado em quatro partes, sendo elas: 1ª) perfil do participante, contando com os dados do entrevistado; 2ª) perguntas sobre a realização do trabalho de campo (caso o professor realize); 3ª) perguntas sobre a não realização de trabalhos de campo (caso o professor não realize); 4ª) perguntas acerca da importância atribuída às atividades de trabalho de campo (essa parte foi utilizada para ambos – aqueles que realizam ou não).

A primeira parte do roteiro da entrevista contou com informações sobre o perfil do participante, pois é importante conhecer os entrevistados. A partir dos dados coletados, obtiveram-se os seguintes resultados: Os professores possuem idade entre 27 e 59 anos. Quanto ao tempo de atuação como professor, os entrevistados estão entre 3 a 23 anos de experiência profissional. Conforme a figura 2 a seguir, percebe-se que mais da metade dos professores entrevistados possuem mais de 10 anos de experiência profissional.

Figura 2: Gráfico de anos de experiência profissional dos professores entrevistados.

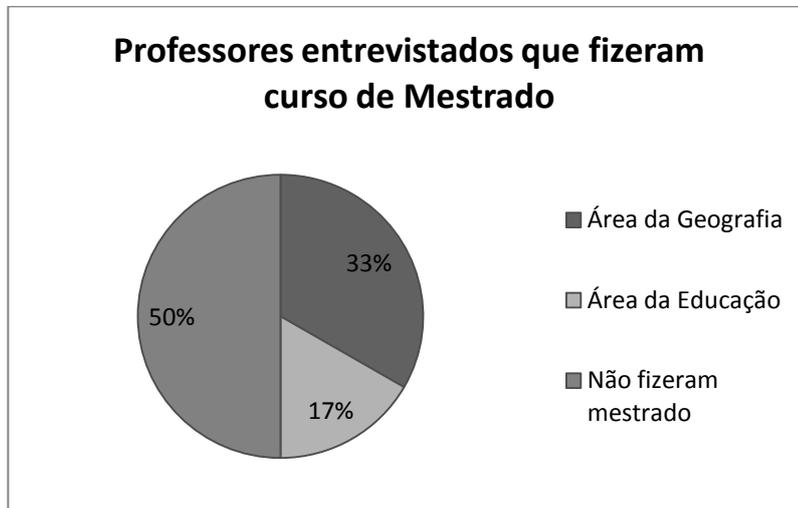


Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Sobre a formação acadêmica, todos possuem graduação em Geografia. Dentre os 6 entrevistados, 5 deles possuem pós-graduação em cursos de especialização, sendo eles, Psicopedagogia e Inclusão, Formação Socioeconômica do Brasil, Ecoturismo, Ensino e Aprendizagem em Geografia e Economia. Em cursos de mestrado, conforme a figura 3, 2

professores fizeram na área de Geografia e apenas 1 fez na área da Educação. Os outros 3 não fizeram mestrado.

Figura 3: Gráfico de professores entrevistados que fizeram curso de mestrado.



Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Após coletar os dados dos participantes, iniciou-se a segunda parte do roteiro da entrevista, que era direcionada para aqueles professores que realizassem o trabalho de campo. Os seis entrevistados participaram dessa parte, visto que, todos eles afirmaram utilizar essa metodologia nas aulas de Geografia.

A segunda parte incluía perguntas voltadas à prática dessa atividade de campo no ensino de Geografia. A primeira questão buscou saber quantas vezes ao ano os professores costumam realizar o trabalho de campo, e todos os entrevistados responderam que é de uma a duas vezes, conforme a tabela 2 a seguir.

Tabela 2: Vezes ao ano em que são realizados trabalhos de campo na disciplina de Geografia.

	Quantidade de vezes ao ano
Professor 1	Uma vez
Professor 2	Duas vezes
Professor 3	Duas vezes
Professor 4	Duas vezes
Professor 4	Uma vez
Professor 6	Uma vez

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Em seguida, foram questionados quais lugares costumam ir quando aplicam essa metodologia, e praticamente a maioria dos professores responderam que vão à locais o mais próximo possível da escola, visto que, para sair da instituição é necessário passar por processos burocráticos, questões financeiras e autorização dos pais. Por isso que preferem esses lugares próximos, por exemplo, ir até a quadra do colégio e observar a paisagem – no caso dos colégios Washington Barros e Alcântara de Carvalho, pois estes localizam-se em regiões periféricas e isso fornece uma visão melhor da “parte alta” da cidade – ou dar uma volta no quarteirão do colégio para observarem as questões urbanas.

Quatro dos seis professores disseram que além de ir a locais próximos, já foram em localidades distantes, porém dentro do município de Jataí, e, também, a outras cidades, como consta a tabela 3 a seguir.

Tabela 3: Outras localidades que os professores citaram terem ido a trabalho de campo com os alunos

Professor 1	Goiânia (Memorial do Cerrado).
Professor 2	Cidade de Goiás, Trilha na mata do quartel e Lagos da cidade (sendo esses dois últimos locais na cidade de Jataí).
Professor 3	Empresa de reciclagem, Unidade Meteorológica, Assentamentos (todos esses locais no município de Jataí) e Rio Verde (Tecnoshow).
Professor 4	Fazenda na área rural do município de Jataí, Fórum Municipal de Jataí e Rio Verde (Tecnoshow).
Professor 5	Não foi a nenhum local distante.
Professor 6	Não foi a nenhum local distante.

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Sobre a preparação dos alunos para irem às atividades à campo, observou que todos os professores fazem uma breve explicação do conteúdo, em seguida, fazem orientações acerca do que levar para a atividade, e ressaltam os objetivos do trabalho de campo para que os alunos vejam que não é um passeio, e sim, um momento de enriquecimento na aprendizagem.

Quando questionados sobre se o colégio onde trabalham possibilita o diálogo interdisciplinar para realizarem o trabalho de campo, todos disseram que sim, e que há sempre interação entre as outras disciplinas.

Tabela 3: Disciplinas que os professores citaram acerca da interdisciplinaridade no trabalho de campo.

Professor 1	História, Biologia e Literatura.
Professor 2	História, Biologia, Física e Química.
Professor 3	História, Biologia, Literatura, Matemática e Física.
Professor 4	História, Biologia, Literatura e Física.
Professor 5	História e Biologia.
Professor 6	História, Biologia e Literatura.

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Observa-se na tabela 3 acima que as disciplinas que mais foram citadas pelos professores foram História, Biologia, Literatura e Física. É interessante destacar que dois professores citaram as disciplinas de Matemática e Química, visto que, geralmente são disciplinas que dificilmente se consegue fazer algum tipo de trabalho de campo.

As últimas perguntas que constavam nessa parte do roteiro da entrevista eram sobre o interesse dos alunos acerca desse tipo de atividade, quais conteúdos eles acreditam que poderiam ser utilizados durante o trabalho de campo, se utilizam algum tipo de material de apoio, qual o meio de avaliação e se eles utilizam esse trabalho como introdução ou reforço do conteúdo visto em sala de aula.

Os professores responderam que os alunos se interessam bastante com esse tipo de atividade, visto que, para eles, sair das quatro paredes da sala de aula é uma “novidade”. Os docentes também comentaram que essa atividade tem dado bons resultados no que diz respeito à aprendizagem dos alunos. O interessante é que, dos seis entrevistados, apenas um comentou que não sente tanto interesse por parte dos alunos, e enfatizou que “os adolescentes de hoje em dia são diferentes, preferem o comodismo. Por isso não são tão animados para atividade de campo” (professor 1).

Em relação aos conteúdos que poderiam ser utilizados durante o trabalho de campo, praticamente todos responderam que, como a Geografia é muito ampla, daria para trabalhar vários conteúdos. Os principais que eles citaram foram sobre o domínio morfoclimático do Cerrado, a questão socioambiental dentro da cidade, a urbanização e segregação socioespacial, o clima e as diferentes paisagens do município. Dois, dos seis professores entrevistados comentaram alguns exemplos de possíveis trabalhos de campo abordando tais temáticas, conforme a tabela 4 a seguir.

Tabela 4: Conteúdos que os professores citaram e seus possíveis exemplos para trabalho de campo.

	Conteúdo	Exemplo
Professor 1	Urbanização	Volta no quarteirão do colégio
Professor 2	Domínio Morfoclimático do Cerrado	Trilha na mata do quartel da cidade.

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Sobre a utilização de algum material de apoio, os entrevistados disseram que, embora tenham dificuldades para encontrar pesquisas regionais que possam ser vistas com os alunos, geralmente eles usam multimídias como, por exemplo, vídeos e documentários, também mapas da região. Os professores apontaram que é importante usar materiais que tenham uma linguagem acessível para os alunos.

Quanto ao meio de avaliação, todos disseram que depende muito das características das turmas, por isso, avaliam de forma diversificada, usando debates, relatórios, seminários e provas. Questionados se eles utilizam esse trabalho como introdução ou reforço do conteúdo visto em sala de aula, afirmaram que usam como reforço e citaram que é uma forma dos alunos compreenderem o conteúdo de modo que se sintam parte dele, já que essa atividade tem como objetivo aproximá-los da teoria.

A terceira parte do roteiro eram questões direcionadas aos professores que não aplicavam essa metodologia no ensino de Geografia, e, como todos os entrevistados utilizam o trabalho de campo, não foi preciso usar essa parte do roteiro.

A quarta e última parte do roteiro da entrevista eram perguntas acerca da importância atribuída às atividades de trabalho de campo. Nessa etapa, os professores responderam o que é o trabalho de campo para eles, se acreditam que essa seja uma metodologia importante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos na disciplina de Geografia, sobre as dificuldades para a realização do trabalho de campo no colégio que trabalham e, para encerrar, se quando fizeram graduação, os docentes costumavam fazer esse tipo de atividade, se lembram dos objetivos das aulas e se foram alcançados, e se essas aulas os influenciaram para que hoje pudessem realizar a mesma no exercício da docência.

Em relação à primeira pergunta, sobre o que é o trabalho de campo, os professores responderam (tabela 5 abaixo) que é uma prática que vai além das quatro paredes da sala de aula, que busca interagir com o próprio conhecimento e não ficar somente “à mercê” do livro

didático. Ressaltaram também que é o uso de um ambiente educacional diferenciado o qual, é uma práxis que permite que os alunos relacionem a teoria com a prática.

Tabela 5: Respostas dos professores sobre o que entendem como trabalho de campo.

Professor 1	É um trabalho além das 4 paredes da sala de aula. É buscar interagir com o próprio conhecimento. Não ficar somente à mercê de um livro didático.
Professor 2	Sair das 4 paredes da sala de aula.
Professor 3	É uma práxis. Conciliar a teoria com a prática.
Professor 4	Um momento em que o aluno tem a oportunidade de relacionar a teoria com a prática.
Professor 5	É o uso de um ambiente educacional diferenciado.
Professor 6	É colocar em prática o que foi visto na teoria em sala de aula.

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Quando questionados se acreditam que essa seja uma metodologia importante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos na disciplina de Geografia, todos afirmaram que é uma prática essencial (tabela 6 abaixo), visto que, na escola são formados cidadãos para o mundo, por isso que é importante que os alunos conheçam o seu próprio lugar e qual sua relação com outros lugares.

Tabela 6: Respostas dos professores sobre a importância do trabalho de campo no ensino de Geografia.

Professor 1	Sim. Pois, formamos cidadãos para o mundo. Por isso é importante que eles conheçam seu próprio lugar.
Professor 2	Sim. O aprendizado é melhor.
Professor 3	Sim. É muito importante.
Professor 4	Sim. Produz um maior conhecimento.
Professor 5	Sim. É muito importante.
Professor 6	Sim. É uma metodologia com resultados positivos na questão da aprendizagem dos alunos.

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

No momento em que foram questionados se encontram dificuldades para a realização do trabalho de campo, os seis professores entrevistados disseram várias adversidades que, muitas vezes, impedem que seja utilizada essa metodologia. Dentre essas dificuldades, eles

citaram questões burocráticas, reuniões com os pais, falta de estrutura e de incentivo de professores de outras disciplinas para fazer essa atividade interdisciplinar, número reduzido de aulas de Geografia por semana e falta de interesse por parte da direção escolar devido ao fato de priorizarem a educação tradicional dentro da sala de aula.

Por serem instituições públicas da rede estadual, todos os professores entrevistados citaram sobre a questão da falta de recursos financeiros, visto que, não há verba do governo que seja suficiente para que possa ser destinada para esse tipo de atividade, e, além disso, os professores ressaltaram que é proibido pedir dinheiro para os alunos. É importante lembrar que isso não ocorre no Colégio Militar, visto que, apesar de ser considerado “do Estado”, é conveniado com a Polícia Militar, sendo cobrada uma taxa de mensalidade. Ou seja, diferentemente dos outros cinco colégios, este possui mais recursos financeiros, fazendo com que atividades como o trabalho de campo não sejam afetadas com tantas adversidades, principalmente no que diz respeito às financeiras.

Para encerrar o roteiro da entrevista, foram questionados se quando fizeram graduação, os docentes costumavam fazer esse tipo de atividade, se lembram dos objetivos das aulas e se foram alcançados, e se essas aulas os influenciaram para que hoje pudessem realizar a mesma no exercício da docência. Os professores responderam que fizeram atividades à campo, pelo menos três, durante a graduação. Disseram que a partir dessas aulas (tabela 7 abaixo), puderam perceber o quanto é importante colocar em prática a teoria vista em sala de aula, por isso, nos dias de hoje no exercício da docência, sentem incentivados a utilizarem essa metodologia com os alunos nos colégios, mas, enfatizaram que infelizmente é algo pouco utilizado devido às dificuldades encontradas (que foram mencionadas acima).

Tabela 7: Respostas dos professores acerca da influência dos trabalhos de campo que realizaram durante a graduação em sua vida profissional.

Professor 1	Sim. Na graduação, os trabalhos de campo influenciaram a praticar essa atividade nas aulas.
Professor 2	Sim. Isso influenciou muito. E o aluno não esquece.
Professor 3	Sim. Influenciou bastante. Porém, infelizmente é pouco utilizado.
Professor 4	Sim. Fiz vários durante a graduação. Foram válidos para meu aprendizado, inclusive, para incentivar os alunos a fazerem trabalhos de campo.
Professor 5	Sim. Influenciou muito.
Professor 6	Sim. Teve influência na minha vida profissional enquanto docente.

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

Ainda sobre os trabalhos de campo que realizaram durante a graduação, os professores entrevistados disseram que recordam sobre os objetivos dessas aulas práticas, e citaram disciplinas que envolviam a questão da “Geografia física”, sendo Pedologia, Geologia, Geomorfologia e Climatologia, e, também, à “Geografia Humana” que era abordado temas sobre a urbanização, segregação socioespacial, questões culturais e históricas.

V – PROBLEMATIZANDO AS ENTREVISTAS: REVELAÇÕES DE UM TRABALHO DESAFIADOR

Ao analisar as entrevistas, percebe-se que praticamente todos os professores afirmaram utilizar o trabalho de campo como metodologia no ensino de Geografia em suas aulas, o que é algo muito interessante.

Observando os tipos de locais que costumam utilizar essa atividade, foram surgindo em mente dúvidas e questionamentos acerca de qual forma que os docentes utilizam essa metodologia nas aulas de Geografia.

Dentre os locais que foram motivos para se pensar sobre a prática do trabalho de campo estão: visita à Tecnoshow no município de Rio Verde – GO e o Fórum Municipal de Jataí. A Tecnoshow é um evento voltado ao agronegócio e a pecuária da região Sudoeste de Goiás, cujo sentido é de mostrar as inovações tecnológicas de máquinas agrícolas, insumos, dentre outros. Nada mais do que expor as “vantagens” econômicas da fronteira agrícola capitalista. Pensando nesse contexto, ficaram em mente as seguintes perguntas: Será que os alunos se sentiram pertencentes à esse meio dos grandes latifúndios? Qual a relevância de se visitar a feira de agronegócio? Será que realmente foi um trabalho de campo ou era apenas um passeio?

Em relação ao Fórum Municipal de Jataí, quando questionado ao professor sobre essa visita, o mesmo afirmou que ela tinha como objetivo mostrar para os alunos dos segundos e terceiros anos como funcionam os “três poderes” na cidade. Nesse sentido, mais questionamentos surgiram: A visita ao Fórum tinha alguma conexão com o conteúdo visto em sala de aula? Houve algum tipo de preparação e orientações para os alunos sobre a visita? Será que realmente foi um trabalho de campo ou era apenas um passeio para “conhecerem” o funcionamento dos três poderes do município?

A partir da análise das respostas dos professores e de observações diretas nos colégios, considerou-se necessário fazer entrevistas com as coordenações de cada colégio para que se pudesse compreender um pouco mais dessa dinâmica do trabalho de campo, se envolvia outras disciplinas de forma interdisciplinar, como é realizado o planejamento e se passa pelas coordenações. Na tabela 9, a seguir, estão as respostas das coordenações acerca da execução dessa atividade na disciplina de Geografia.

Tabela 9: Respostas obtidas por meio da coordenação dos colégios sobre trabalho de campo na disciplina de Geografia.

Nome do Colégio	Respostas das coordenações sobre a realização do trabalho de campo na disciplina de Geografia
Colégio Estadual Marcondes de Godoy	Não teve de Geografia, porém, teve de Biologia, Inglês e Educação Física.
Colégio Estadual Frei Domingos	Não houve nenhuma atividade de campo.
Colégio da Polícia Militar Nestório Ribeiro	Houve três trabalhos de campo, no entanto, apenas um foi específico de Geografia.
Colégio Estadual Serafim de Carvalho	De Geografia, não teve nenhum.
Colégio Estadual Alcântara de Carvalho	Teve um trabalho de campo interdisciplinar envolvendo a Geografia.
Colégio Estadual Washington Barros	Não houve nenhuma atividade de campo.

Fonte: PAIVA, Priscila Braga, 2018.

A partir dessas informações, observam-se diferentes respostas entre os professores e as coordenações. Assim, outro questionamento vem em mente: Será que realmente os professores e as coordenações compreendem que o trabalho de campo não é só um “passeio” ou “viagem”? De acordo com Castrogiovanni (2015, p. 46)

Tomando a paisagem mais próxima da escola, o bairro ou até mesmo a própria cidade, uma área a ser visitada a certa distância, ou uma imagem de paisagem, seja ela por foto ou outra forma de representação qualquer, tem-se a base concreta para a realização da prática escolar. Desse modo, a leitura da paisagem, no processo da aprendizagem é de suma importância para ler e compreender o mundo e o papel de cada um no mundo. Para que o aluno desenvolva sua capacidade, a identidade com seu tempo e com seu lugar.

A prática do trabalho de campo não requer somente ir à lugares distantes, pode ser algo muito próximo. Até mesmo fazer com que os próprios alunos observem o caminho de casa até a escola. Também é importante ressaltar que visitas e passeios também fazem parte do aprendizado, porém, quando não são traçados objetivos e não é feita a ponte entre a teoria vista em sala de aula e o trabalho de campo em si, acaba se tornando uma mera atividade de “lazer” a qual os alunos poderão ficar dispersos, não havendo discussão e debates entre eles e os professores.

Um fato que chamou a atenção foi que a maioria das coordenações, como mostra a tabela 9 acima, relatou outra realidade, principalmente no que diz respeito à questão da

quantidade de vezes em que houve trabalho de campo na disciplina de Geografia, visto que, os professores afirmaram que são feitos de uma a duas vezes ao ano.

Dessa forma, surgem mais indagações: Será que as coordenações sabem que os professores fazem trabalhos de campo com os alunos mesmo não saindo do ambiente escolar? (no caso de levar os alunos para a quadra do colégio, por exemplo). Será que há comunicação dos professores com a coordenação quando é aplicada esse tipo de atividade?

Diante desses questionamentos, sugere-se, em futuras pesquisas, voltar a esses colégios e entrevistar novamente os professores para que se possa compreender melhor como é feito o trabalho de campo, quais são seus objetivos e se a coordenação (re) conhece a importância dessa atividade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, sem precisar sair da instituição.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças de paradigma metodológico na ciência geográfica e no ensino de Geografia resultaram em transformações no que diz respeito às estratégias didáticas e metodológicas relacionadas à disciplina de Geografia nas escolas.

O uso do trabalho de campo tem se tornado uma das ferramentas de suma importância no processo de ensino e aprendizagem dos indivíduos. Conforme Azambuja (2012, p. 194), “esse é o caminho da Geografia Escolar, empenhada com a finalidade em fazer os alunos estudantes entenderem o seu lugar e os outros lugares para que cada um entenda-se sujeito das suas ações”.

Nesse sentido, a práxis é essencial para que os conteúdos possam ser significativos para os alunos, fazendo com que eles percebam que a Geografia está presente a todo o momento em nosso cotidiano. E nesse momento tem-se a quebra do estereótipo de que a “Geografia é só decoreba”. Com o trabalho de campo, é possível reconhecer na leitura das paisagens a possibilidade de ampliar o processo de ensino-aprendizagem para além da sala de aula.

Os alunos não são indivíduos que possuem uma “caixa vazia” no lugar do cérebro, muito pelo contrário, eles são dotados de conhecimentos prévios que é uma grande fonte de riqueza para que os professores sejam mediadores e consigam fazer com que vejam o mundo de forma crítica e reflexiva sendo capazes de desenvolverem sua própria autonomia de pensamento e prática cidadã, ultrapassando o senso comum. Para Silva e Hagat (2015, p. 199), “o anseio daquele que observa, ou seja, o pertencimento e entrega a determinado tema faz com que a paisagem a ser estudada adquira significado e produza outra forma de apropriação do conhecimento geográfico”.

Nesse sentido, o trabalho de campo é muito pertinente, pois, estudar o lugar com os quais os alunos se identificam, faz com que eles se sintam parte integrante da paisagem, criando uma interação consciente com o meio o qual estão inseridos.

A entrevista semiestruturada feita com os professores de colégios de ensino médio da rede pública estadual de Jataí – GO possibilitou um diálogo com maior interação, tendo a possibilidade de conhecê-los e saber suas perspectivas, dificuldades e resultados acerca dessa metodologia no ensino de Geografia.

A partir da análise das respostas dos professores e de observações diretas nos colégios, considerou-se necessário fazer entrevistas com as coordenações de cada colégio para que se pudesse compreender um pouco mais dessa dinâmica do trabalho de campo, se envolvia outras disciplinas de forma interdisciplinar, como é realizado o planejamento e se passa pelas

coordenações, chegando à conclusão de que houve diferentes respostas entre elas e os professores. Diante disso, sugere-se, em futuras pesquisas, voltar a esses colégios e realizar novamente entrevistas com esses professores para saber como é a execução dos trabalhos de campo com os alunos e se as coordenações são comunicadas quando há esse tipo de atividade.

É importante lembrar que não precisa ir para longas distâncias para aplicar a metodologia do trabalho de campo. Também, é uma atividade que possibilita que a relação entre professores e alunos fiquem mais estreitas, o que cresce a possibilidade do desenvolvimento de diversas habilidades, como por exemplo, observação, descrição, análise de fenômenos espaciais, e, até mesmo, manusear algum instrumento e sentir na prática os desafios que os livros didáticos e as quatro paredes da sala de aula não proporcionariam.

Para concluir, a prática do trabalho de campo no ensino de Geografia proporciona aos alunos muito mais do que conhecimentos científicos. Proporcionará conhecimentos sobre respeito e humanidade. Sobre as diversidades, as culturas, as desigualdades sociais, a política, a economia e a natureza. Proporcionará a consciência ambiental e humana. Fará com que esses alunos possam ver que tudo o que se faz, pode gerar impactos positivos ou negativos no meio o qual estão inseridos e que todos os lugares estão interligados.

Quando os “óculos da Geografia” são colocados nos alunos durante essa prática, fazendo com que eles possam enxergar a paisagem visível e invisível a qual observam, e, também, dificilmente esquecerão o que aprenderam e poderão levar esses conhecimentos para a vida.

VII – REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p 181-195, jul./dez. 2012.
- BACHELLI, Davi. A potencialidade do trabalho de campo no ensino de Geografia: a cidade e o urbano. IN: CASTELLAR, Sonia Vanzella. (org.). **Geografia Escolar: contextualizando a sala de aula**. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 205 – 216.
- CASCINO, Fábio. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores**. 2ºed. São Paulo. Editora SENAC, 2000.
- CALLAI, Helena Copetti. Temas e conteúdos no ensino de Geografia. In: RABELO, Kamila Santos de Paula; BUENO, Míriam Aparecida. (orgs). **Currículo, políticas públicas e ensino de Geografia**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p. 213 – 229.
- CALLAI, Helena Copetti; CAVALCANTI, Lana de Souza; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil**. São Paulo: Terra Livre, 2007.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CASTELLAR, Sonia Vanzella; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Movimentos dentro e fora da sala de aula: o trabalho de campo. IN: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. [et. al.] orgs. **Movimentos no ensinar Geografia: rompendo rotações**. Porto Alegre: Evangraf, 2015. p. 41 – 54.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Subir aos sótãos para descobrir a Geografia. IN: MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski; TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia Beatriz. (orgs). **Ensino de Geografia no Contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. p. 85 – 101.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. IN: CASTELLAR, Sonia Vanzella. (org). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 66 – 78.
- COSTELLA, Roselane Zordan; SCHÄFFER, Neiva Otero. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2003.

FALCÃO, Wagner Scopel; PEREIRA, Thiago Barcelos. A aula de campo na formação crítico/cidadã do aluno: uma alternativa para o ensino de Geografia. IN: **Encontro Nacional de Prática de ensino em Geografia – ENPEG**, 10. Porto Alegre – RS, 2009.

HISSA, Cássio Eduardo Viana; OLIVEIRA, Janete Regina de. O trabalho de campo: reflexões sobre a tradição geográfica. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 24, n. 1-2, p. 31-41, jan./dez., 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

MOREIRA, Ruy. **O Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VERDI, Elisa Favaro. O movimento de renovação crítica na Geografia brasileira: um ensaio sobre seus fundamentos e desdobramentos. IN: CASTELLAR, Sonia Vanzella. (org). **Geografia Escolar: contextualizando a sala de aula**. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 15 – 25.

NEVES, Karina Fernanda. **O trabalho de campo e o ensino de Geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Bahia: UESC, 2010.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. A mediação didática do estudo da cidade e o trabalho de campo: diferentes formas de ensinar Geografia. IN: CASTELLAR, Sonia Vanzella. (org.). **Geografia Escolar: contextualizando a sala de aula**. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 103 – 117.

SILVA, Camila Benso da; HAGAT, Cristiane de Lurdes Xavier. Geografando dentro e fora da escola: Reflexões sobre trabalho de campo. IN: CALLAI, Helena Copetti; TOSO, Cláudia Eliane Ilgenfritz. (orgs). **Diálogos com professores: Cidadania e práticas educativas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. p. 195 – 211.

THEVES, Denise Wildner. Meus alunos e minha aldeia me fazem experimentar ideias para ensinar Geografia. IN: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. [et. al.] orgs. **Movimentos no ensinar Geografia: rompendo rotações**. Porto Alegre: Evangraf, 2015. p. 194 – 217.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA APLICADA COM OS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DE ENSINO MÉDIO NOS COLÉGIOS PÚBLICOS ESTADUAIS DE JATAÍ – GO.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL JATAÍ
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE ESTUDOS
GEOGRÁFICOS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**TRABALHO DE CAMPO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS COLÉGIOS PÚBLICOS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO EM JATAÍ/GO**”, sob minha coordenação, fazendo parte do projeto de Trabalho de Final de Curso (TFC) no curso de Geografia da UFG Regional Jataí.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar autorizar a participação no estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Priscila Braga Paiva, no telefone: (64) 99972-1864, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

- Título: TRABALHO DE CAMPO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS COLÉGIOS PÚBLICOS ESTADUAIS DE ENSINO MÉDIO EM JATAÍ/GO

- **Justificativa:** A presente pesquisa justifica-se a partir do entendimento que o trabalho de campo deve levar o aluno a realizar uma ponte entre a teoria e a prática, além disso, fazer com que os mesmos analisem e compreendam o próprio lugar em que vivem. Nesse sentido, acredita-se que o trabalho de campo pode ser realizado nos colégios de ensino médio da rede pública estadual do município de Jataí – GO.

- **Objetivo:** Conhecer se o trabalho de campo é utilizado pelos professores do ensino médio como metodologia do ensino de Geografia nos colégios de ensino médio da rede pública estadual do município de Jataí – GO.

- **Procedimentos utilizados da pesquisa:**

Buscar-se-á capturar discursos de professores(as) a fim de angariar conhecimentos preliminares acerca das noções que apresentam sobre o trabalho de campo no ensino de Geografia. Nesse momento, serão coletados os dados mediante a entrevista semiestruturada. A atividade será realizada fora do horário de aula, previamente agendado, e levará aproximadamente 20 minutos.

- **Especificação de desconforto e riscos possíveis e os benefícios decorrentes da participação da pesquisa:**

Vale ressaltar que o trabalho se dará de forma simples e caso não queira participar em qualquer momento é permitido sua saída sem prejuízo algum para o participante.

Caso aceite participar da pesquisa, a entrevista será realizada de forma individual, e assim poderá responder a pesquisa sem identificação, os dados nortearão novos estudos sobre a importância do tema da pesquisa.

- **Forma de acompanhamento:**

O(a) participante será acompanhado(a) apenas pela pesquisadora responsável.

- **Outras informações:**

A pesquisa por ser realizada nos estabelecimentos de ensino, não irá acarretar despesas, caso ocorra, é de responsabilidade da pesquisadora;

Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação;

É garantido o sigilo das informações prestadas, assegurando a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa;

É garantido a liberdade do sujeito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;

Nome e Assinatura da pesquisadora.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA (CASO SEJA MAIOR DE IDADE).

Eu, _____
 _____, RG _____ CPF n.º: _____,
 abaixo assinado, concordo em participar do estudo
 _____, como sujeito. Fui devidamente
 informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora _____ sobre a pesquisa, os
 procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de
 minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer
 momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DOS COLÉGIOS DE ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE JATAÍ/GO.

1-Perfil do participante:

1.1. Idade:

1.2. Sexo:

1.3. Graduação em:

Ano de conclusão da graduação:

1.4. Pós-graduação em:

Ano de conclusão:

1.5. Tempo de atuação como professor(a) de Geografia:

1.6. Nos últimos 5 anos fez algum curso de capacitação quanto ao ensino e aprendizagem em Geografia? Se sim qual?

2. Realização de atividades de trabalho de campo: (Se realiza- roteiro)

2.1 Quantas vezes por ano ou semestre costuma realizar trabalho de campo?

2.2 Quais os locais que costuma ir a campo?

2.3 Como têm preparado os alunos para irem a campo?

2.4 O colégio onde você trabalha possibilita um diálogo interdisciplinar para você realizar aulas a campo?

2.5 Os alunos se interessam nesse tipo de atividade?

2.6 Qual tem sido o meio de avaliação realizado durante o trabalho de campo?

2.7 Você utiliza material de apoio? Se sim, quais?

2.8 Quais conteúdos você acredita que podem ser estudados com o apoio de trabalho de campo?

2.9 Ao realizar o trabalho de campo, você costuma utilizá-lo como reforço ao conteúdo trabalhado, ou como introdução ao assunto?

3. Não-realização de atividade de trabalho de campo (Se não realiza – roteiro)

3.1 Por que você não realiza o trabalho de campo? Ou realiza esporadicamente?

3.2 Se você fosse realizar o trabalho de campo, quais são os meios que você acredita serem necessários para a sua realização?

3.3 Você acredita que hoje, podemos utilizar outras estratégias metodológicas que podem substituir o trabalho de campo?

4. Importância atribuída às atividades de trabalho de campo (para ambos – quem realiza ou não realiza)

4.1 Para você, o que é um trabalho de campo?

4.2 Você acredita que esta seja uma metodologia importante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos na disciplina de Geografia? Explique.

4.3 Existem dificuldades para a realização do trabalho de campo no colégio que você trabalha? Quais?

4.4 Durante a sua graduação, seus professores costumavam realizar trabalhos de campo? Você se lembra dos objetivos das aulas e se eles eram alcançados? Se sim, as aulas na graduação que realizaram trabalho de campo te influenciaram para você hoje realiza-las no colégio onde trabalha?